



verve

saúde!

saúde!<sup>1</sup>

*gustavo ramus & luíza uehara*

## prólogo

Gus:

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas inúmeras pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos. [Pensou]: O que aconteceu comigo?”<sup>2</sup>

Coro:

O que aconteceu comigo?

Lili:

“Só me entrego muito raramente, mas não sei me entregar pela metade, nem a 90%, nem a 99% (...). Considero falta de confiança no amigo ser reticente ou esconder

*Gustavo Ramus é pesquisador no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol e bacharel em Ciências Sociais pela PUC-SP.*





o que pensamos em nos doar. No que me diz respeito, agir assim seria me diminuir a meus próprios olhos. Não gosto daqueles que olham para trás depois de ter decidido algo. Talvez isto não esteja na ‘moda’, mas pouco me importa a moda. Do ponto de vista ético tenho horror aos mornos. (...) Eu me entrego e não me retomo, a não ser que perceba que coloquei minha confiança em alguém que não valia a pena. E isso só acontece quando minha confiança foi, incontestavelmente, traída. Talvez nada disso seja realista, mas gosto mais de mim desse jeito.”<sup>3</sup>

## parte I

### cena 1: Vontade de vida

Sofia:

“Ele deseja os piores suplícios, os mais penosos sofrimentos, deseja ardentemente que se prolonguem, que continuem. O que pode ganhar com isso? Viver um pouco mais? Mas que tipo de vida é essa morte lenta?”<sup>4</sup>

Flávia:

que tipo de vida é essa morte lenta?

Márcia:

que tipo de vida é essa morte lenta?

Lili:

“Tomei a mim mesmo em minhas mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso (...) é ser *no fundo sadio*. Um ser tipicamente mórbido não pode ficar são, menos ainda curar-se a si mesmo; para alguém tipicamente são, ao contrário, o estar enfermo pode ser até um energético *estimulante* ao viver, ao mais-viver.”<sup>5</sup>

Acácio:

“Quem não pode comandar a si mesmo, deve obedecer. (...) quem obedece *não escuta a si mesmo!*”<sup>6</sup>





## verve

saúde!

Lili:

“Quando [vejo] intérpretes de sonhos, adivinhos e todos os que recorr[em] a eles, julgo os homens os mais estúpidos de todos os animais.

Acácio:

Para a condução (...) da vida, [só] necessitamos da razão, ou de uma corda para nos enforcarmos.”<sup>7</sup>

### **cena 2:** Esgotado

Gus:

“(…) Conhecer: isso é *prazer* para quem tem o querer do leão! Mas quem se cansou, será apenas o objeto do querer. (...) Querer liberta: pois querer é [inventar]. E somente para [inventar devemos] aprender. (...) [Ninguém] quer subir ao barco da morte! Então como pretendem estar *cansados do mundo?*”<sup>8</sup>

Acácio:

“Um pouco de possível senão eu sufoco.”<sup>9</sup>

Gus:

Quando me dizem que já estou velho e devo descansar, respondo: “Como? Se eu tivesse participando de uma prova de corrida, deveria abrandar o passo ao me aproximar da meta? Não deveria acelerá-lo ainda mais?”<sup>10</sup>

Lili:

“É preferível morrer de peste do que de mediocridade.”<sup>11</sup>

Acácio:

Eu prefiro morrer de peste a morrer de mediocridade.

Gus:

é preferível morrer de peste do que de mediocridade.





## parte II

### cena 3: Poder de *causar* a vida

Acácio:

“Um de meus avôs prosperou no comércio humanitário de comprar escravos doentes e tratar deles o suficiente para poder vendê-los (a melhor preço) como escravos sãos. Esse negócio, que combina o lucro com a filantropia, permitiu que ele enriquecesse graças à saúde dos outros. (...) Quando chegou aos setenta anos, esse meu avô abandonou a família para se amancebar com uma negra jamaicana de catorze anos que ele chamava de...

Cabelo:

Imperatriz.”<sup>12</sup>

Coro:

Eu sou neguinha?!

Sofia:

Eu sou neguinha?!

Gus:

Desde o século XVII, “um dos privilégios característicos do poder soberano fora o direito de vida e morte. (...) Mas esse formidável poder de morte (...) apresenta-se agora como o complemento de um poder que se exerce, positivamente, sobre a vida, que empreende sua gestão, sua majoração, sua multiplicação, o exercício de controles precisos e regulações de conjunto. (...)

Sofia:

Pode-se dizer que o velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* a morte. (...)





## verve

saúde!

Lili:

Agora é sobre a vida e ao longo de todo seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação; (...) o poder político [assume] a tarefa de gerir a vida.”<sup>13</sup>

### **cena 4: A lepra e a peste**

Acácio:

“Houve dois grandes modelos de organização médica na história ocidental: o modelo suscitado pela lepra e o modelo suscitado pela peste.

Cabelo:

Na Idade Média, o leproso era alguém que era expulso do espaço comum, posto para fora dos muros da cidade,

Lili:

exilado em um lugar confuso onde ia misturar sua lepra à lepra dos outros.

Flávia:

O mecanismo da exclusão era o mecanismo do exílio, da purificação do espaço urbano [e dos outros espaços]. (...)

Sofia:

O próprio internamento dos loucos, malfeitores, em meados do século XVII, obedec[ia] ainda (...) [ao] esquema [da exclusão].

Acácio:

Em compensação, existe um outro grande esquema político-médico que foi estabelecido, não mais contra a lepra, mas contra a peste. Neste caso, a medicina não exclui, não expulsa em uma região negra e confusa.





Lili:

O poder político da medicina consiste em distribuir os indivíduos uns ao lado dos outros, isolá-los, individualizá-los, vigiá-los um a um, constatar o estado de saúde

Coro:

de cada um,

Gus:

ver se está vivo ou morto

Cabelo:

e dessa maneira fixar a sociedade em um espaço

Gus:

esquadrinhado,

Cabelo:

dividido,

Gus:

inspecionado,

Cabelo:

percorrido por um olhar permanente e controlado por um registro.”<sup>14</sup>

Gus:

“Caso, risco, perigo, crise: são (...) noções novas, pelo menos em seu campo de aplicação e nas técnicas que eles requerem,

Acácio:

porque vamos ter, precisamente, toda uma série de formas de intervenção que vão ter por meta, não fazer como se fazia antigamente,





## verve

saúde!

Gus:

(...) tentar anular pura e simplesmente a doença em todos os sujeitos em que ela se apresenta, ou ainda impedir que os sujeitos que estejam doentes tenham contato com os que não estão. (...)

Acácio:

(...) não mais estabelecer e demarcar o território,

Gus:

mas deixar as circulações se fazerem, controlar as circulações, separar as boas das ruins, fazer que as pessoas se mexam, se desloquem sem cessar, que as coisas vão perpetuamente de um ponto a outro,

Acácio:

mas de maneira tal que os perigos inerentes a essa circulação sejam anulados.

Gus:

Não mais a segurança do príncipe e de seu território, mas segurança da população

Gus e Acácio:

e dos que a governam.”<sup>15</sup>

### **cena 5: Cemitérios**

Lili:

“Certo número de pequenos pânicos (...) atravessaram a vida urbana das grandes cidades do século XVIII, especialmente de Paris.

Gus:

[No] ‘Cemitério dos Inocentes’ que existia no Centro de Paris, eram jogados, uns sobre os outros, os cadáveres das pessoas que não eram bastante ricas ou notáveis para merecer ou poder pagar um túmulo individual.





Acácio:

O amontoamento no interior do cemitério era tal que os cadáveres se empilhavam acima do muro do claustro e caíam do lado de fora. (...) Os esqueletos se espalhavam (...) provocando pânico e talvez mesmo doenças.

Lili:

(...) a infecção causada pelo cemitério era tão forte (...) por (...) [conta] da proximidade dos mortos [que, segundo as pessoas da época,] o leite talhava imediatamente, a água apodrecia.

Sofia:

Este pânico urbano é característico deste cuidado, desta inquietude político-sanitária que se forma à medida em que se desenvolve o tecido urbano.”<sup>16</sup>

Andre (*off*):

“Pessoalmente, não tenho nada contra os cemitérios, passeio neles com prazer, com mais prazer do que em outros lugares. (...) O cheiro dos cadáveres, que sinto nitidamente sob o cheiro da relva e do humo, não me desagrade. Talvez um pouco doce demais, um pouco estonteante, mas como é preferível ao dos vivos, das axilas, dos pés, das bundas, dos prepúcios cerosos e dos óvulos desapontados. (...) Por mais que eles se lavem, os vivos, por mais que se perfumem, eles fedem.”<sup>17</sup>

Coro:

Eles fedem. Eu sou neguinha?!

## **cena 6:** Saúde e mercado

Sofia:

Mas, no século XX, “De modo mais geral, pode-se afirmar que a saúde se converteu em um objeto de intervenção médica. Tudo o que garante a saúde do indivíduo,





## verve

saúde!

Mayara:

seja a salubridade da água, as condições da moradia ou o regime urbanístico,

Sofia:

é hoje um campo de intervenção médica que, consequentemente, já não está vinculado exclusivamente às doenças.”<sup>18</sup>

Lili:

“Atualmente, a medicina encontra a economia por outra via. Não simplesmente porque é capaz de reproduzir a força de trabalho, mas porque pode produzir diretamente riqueza, na medida em que a saúde constitui objeto de desejo para uns e de lucro para outros.

Sofia:

[A saúde, convertida] em objeto de consumo que pode ser produzido por uns –

Mayara, Cabelo e Acácio:

laboratórios farmacêuticos, médicos –

Sofia:

e consumido por outros –

Mayara, Cabelo e Acácio:

os doentes potenciais e atuais –,

Sofia:

adquiriu importância econômica e se introduziu no mercado.”<sup>19</sup>

### **cena 7: Parasita**

Cabelo:

“Parasita: é um verme rastejante, insinuante, que quer engordar em nossos cantos enfermos e feridos. É *esta* é sua





arte, adivinhar, nas almas que sobem, os pontos em que se acham cansadas: em nosso desalento e mau humor, em nosso delicado pudor ele constrói seu ninho nojento (...): o parasita habita onde o grande tem pequenos cantos feridos.”<sup>20</sup>

Gus:

“não suporto os fabricantes de desastres que diariamente cavam nossa vala comum nos dizendo (...):

Gus, Acácio e Cabelo:

‘impossível fazer de outra maneira’.”<sup>21</sup>

Acácio:

“o céu ainda pode desabar sobre nossas cabeças.”<sup>22</sup>

Gus:

e o céu ainda pode desabar sobre nossas cabeças.

### **parte III**

#### **cena 8: Poliomielite**

Flávia:

“O primeiro caso de poliomielite naquele verão foi registrado no começo de junho, num bairro pobre de italianos do outro lado da cidade.

Lili:

[Somente] quando quarenta ocorrências já haviam sido registradas na cidade, apareceu na primeira página do jornal um artigo intitulado

Coro:

‘Autoridade médica alerta os pais contra a poliomielite’ (...)





## verve

saúde!

Sofia:

Uma doença capaz de causar paralisia, deixando uma criança aleijada para sempre ou incapaz de respirar fora de um cilindro de metal conhecido como pulmão de aço.

Mayara:

Isso quando a paralisia dos músculos respiratórios não levava à morte.

Sofia:

A preocupação com as graves consequências de contrair uma forma séria da doença era ainda maior por não existir nenhuma droga capaz de combatê-la e nenhuma vacina que criasse imunidade contra ela.

Mayara:

(...) Ninguém conhecia a fonte do contágio,

Lili:

era possível suspeitar de quase tudo, inclusive dos esqueléticos gatos de rua que invadiam as latas de lixo nos quintais, dos vira-latas de aparência faminta que rondavam as casas e defecavam na rua e nas calçadas, e até mesmo dos pombos que arrulhavam nos telhados e emporcalhavam os degraus do alpendre com seus excrementos esbranquiçados. (...)

Sofia:

à medida que o número de casos foi aumentando na cidade – juntamente com o medo coletivo –, muitas crianças onde morávamos se viram proibidas pelos pais de usar piscina[s] pública[s], de frequentar os cinemas refrigerados, de tomar ônibus.

Joana:

Fomos advertidos a não utilizar banheiros ou bebedouros públicos,





Talita:

não tomar nem um gole da garrafa de refrigerante de algum amigo, não apanhar friagem, não brincar com estranhos,

Flávia:

não pegar livros emprestados na biblioteca, não falar nos telefones pagos, não comprar comida de vendedores de rua ou comer antes de lavar as mãos cuidadosamente com água e sabonete.

Joana:

Precisávamos lavar todas as frutas e verduras antes de comê-las

Talita:

e devíamos ficar longe de quem parecesse doente ou se queixasse de qualquer um dos sintomas típicos da poliomielite.”<sup>23</sup>

## **cena 9:** Saúde por procedimentos

Joana:

“Uma pessoa vem aqui  
tem vinte anos  
de repente volta  
tem sessenta”<sup>24</sup>

Talita:

“Suba pela rampa  
tome sua direita  
cruze o corredor  
de janelas amplas

Gus:

O guichê é o último  
lá eles carimbam





## verve

saúde!

a fila é de morte  
não fique nervoso

Talita:

Depois a perícia  
no décimo andar  
Não esqueça leve  
todos os documentos

Gus:

Volte aqui não vá  
embora sem a  
rubrica dos três  
reclame se acaso.”<sup>25</sup>

Mayara:

“Veio o homem  
Falou pra mim  
deitar no chão  
dormir  
dormir  
que amanhã vou ser atendida  
na  
meia-noite”<sup>26</sup>

Cabelo:

“Um morador de rua, dois, mais de três morrem às portas  
dos prontos socorros de São Paulo. Os cidadãos passam e  
olham.

Lili:

Os carros não diminuem a velocidade.

Cabelo:

Os funcionários da Saúde dizem que não recolhem nin-  
guém do lado de fora. Um homem passa 10 horas na cal-  
çada morrendo aos poucos.





22  
2012

Lili:

Todos estão ocupados com suas funções, empregos, tarefas e normas a serem cumpridas.”<sup>27</sup>

Sofia:

O senhor trabalha nesse hospital?

Flávia:

... sim.

Sofia:

E o senhor não vai ajudar este homem?

Flávia:

É melhor dar gasolina para ele.

Gus:

“Estes cidadãos não se importam com quem perambula por ruas e avenidas. Eles os temem. Os mortos-vivos que atravessam dias e noites vagando no nada são os indesejáveis que para a maioria da população deve morrer. Eis a saúde por procedimentos.”<sup>28</sup>

Márcia e Coro:

“Ele falava nisso todo dia  
Ele falava nisso todo dia

Acácio:

A herança, a segurança, a garantia

Gus:

Pra mulher, para a filhinha, pra família

Márcia e coro:

Falava nisso todo dia  
Ele falava nisso todo dia  
Ele falava nisso todo dia





## verve

saúde!

Gus:

O seguro da família,  
o futuro da família  
O seguro, o futuro

Márcia e coro:

Falava nisso todo dia  
Ele falava nisso todo dia

Cabelo:

A incerteza, a pobreza, a má sorte  
Quem sabe lá o que aconteceria?  
A mulher, a filhinha, a família desamparada  
Retrata a carreira frustrada de um homem de bem

Márcia e coro:

Ele falava nisso todo dia

Gus:

O seguro de vida, o pecúlio  
Era preciso toda a garantia  
Se a mulher chora o corpo do marido  
O seguro de vida, o pecúlio  
Darão a certeza do dever cumprido

Márcia e coro:

Ele falava nisso todo dia  
Ele falava nisso todo dia

Acácio:

Se morresse ainda forte, um bom seguro era uma sorte  
pra família  
a loteria

Márcia e coro:

Falava nisso todo dia  
Ele falava nisso todo dia





Ele falava nisso todo dia  
Todo santo dia

Gus:  
Era um rapaz de vinte e cinco anos

Márcia e coro:  
Era um rapaz de vinte e cinco anos

Gus:  
Hoje ele morreu atropelado em frente à companhia  
de seguro  
Oh! que futuro!

Márcia e coro:  
Oh! Rapaz de vinte e cinco anos”<sup>29</sup>

Sofia:  
“A vida é um adeusinho”<sup>30</sup>

## **cena 10: AIDS**

Cabelo:  
Tenho a impressão que as pessoas hoje não fazem ideia da barra que foi os anos 80. E acho que nem eu. Num curto período de tempo, perdi muitos amigos. Amigos de longa data e de pouco tempo, com os quais dividia minhas intimidades. Identificados, marcados, apontados como um “grupo de risco”, portadores do que foi chamado de “câncer gay” ou “peste gay”. Não se tratava apenas de correr o risco de ser contaminado, mas de se ver acuado como um risco para os outros. Todo gay deveria se assumir como “agressor biológico”, desempenhando um papel de inimigo público. “As primeiras campanhas de prevenção [à AIDS], além de serem insuficientes para evitar a disseminação da doença, estimularam o preconceito e a discriminação.”<sup>31</sup>





## verve

saúde!

Mayara:

No entanto, o HIV não era uma exclusividade dos gays. Outras pessoas também comporão o chamado grupo de risco.

Lili:

Houve outras formas de contaminação, como o caso de um famoso violonista que contraiu o vírus em uma transfusão de sangue após um acidente de carro, e tantos outros que compartilharam seringa ao injetar drogas. O descaso no tratamento dos hemofílicos também aumentou em grande escala o número de mortos e contaminados.

Cabelo:

Lembro-me perfeitamente quando um ex-namorado entrou desnortado em minha casa com os exames na mão. Ele gaguejava, o corpo todo tremia... Eu lhe disse: “Calma, quer que eu abra para você?”

*Pausa*

Cabelo:

Teve um mês de agosto que fui ao cemitério quatro vezes. Foi o período mais enlouquecedor de minha vida. Contudo, jamais fechei com essa coisa de casamento. Para mim era e ainda é uma mera reprodução de um modelo dominante, aquisição de direitos do macho hétero. Somos diferentes, e precisamos afirmar nossa diferença sem cair na armadilha de exigir direitos que diluam nossas diferenças para sermos socialmente aceitos.

Lili:

“O sexo não está mais excluído, deve estar incluído, transitar livremente, desde que pacificado e policiado, como se fosse possível cessar a transgressão, o que permanece surpreendente, o susto. Espera-se tolerar o que for possível





acomodar, identificando e combatendo os outros, [nós,] os monstros.”<sup>32</sup> A peste.

Acácio:

“Robert [Mapplethorpe] morreu no dia 9 de março de 1989.”<sup>33</sup>

Gus:

“Telefonei ao hospital para dar boa-noite outra vez, mas ele já estava embalado, sob camadas de morfina. Segurei o telefone e fiquei ouvindo sua respiração ofegante, sabendo que nunca mais o veria de novo. (...) Robert foi diagnosticado com AIDS ao mesmo tempo que descobri que estava esperando meu segundo filho. (...) Quando Robert atendeu, me pareceu fraco, mas sua voz engrossou ao ouvir a minha.

Flávia:

Eu vou ganhar dessa coisa [, Patti. Eu vou ganhar dessa coisa, Patti Smith].

Gus:

Acreditei nele do fundo do coração. ‘Vou vê-lo em breve’, prometi.”<sup>34</sup>

*Pausa*

Gus:

“Já não me lembro da cronologia exata daqueles últimos meses. Em meados de fevereiro [de 1989], tomada de uma súbita sensação de urgência (...) fui visitar Robert sozinho. (...) Não havia ninguém ali exceto a enfermeira, e ela nos deixou a sós. Sentei na beira da cama e segurei a mão dele. Ficamos assim por um longo tempo, sem falar nada. (...) Robert pediu minha ajuda para levantar.

Flávia:

‘estou morrendo. É muito doloroso’.





saúde!

Gus:

Meu amor por ele não podia salvá-lo. Seu amor pela vida não podia salvá-lo. Foi a primeira vez que entendi de verdade que ele ia morrer. (...) A luz entrava pelas janelas sobre suas fotografias e o poema de nós dois juntos pela última vez. Robert morrendo: [inventando] silêncio. Eu, destinada a viver, ouvindo atentamente um silêncio que demoraria uma vida para expressar.”<sup>35</sup>

Salete (*off*):

“Há instantes, porém, em que perdemos totalmente a fala, em que ficamos pasmos e perplexos, sem saber para onde ir. É aí que tem início a dança, e por razões inteiramente outras, não por razões de vaidade. (...) Não se trata de arte, tampouco de mero talento. Trata-se da vida e, portanto, de encontrar uma linguagem para a vida.”<sup>36</sup>

(*Dançam Talita e Joana.*)

### **cena 11:** Práticas não discursivas

(*Joana faz Rebeca sentada no chão*)

Sofia:

“No domingo (...) chegou Rebeca. Não tinha mais de onze anos. (...) A sua pele verde, o seu ventre redondo e tenso como um tambor revelavam uma saúde ruim e uma fome mais velhas que ela mesma, mas quando lhe deram de comer ficou com o prato nos joelhos, sem tocá-lo.

Lili:

(...) Ninguém entendia como não tinha morrido de fome, até que os índios, que percebiam tudo, porque percorriam a casa sem parar, com seus pés sigilosos, descobriram que Rebeca só gostava de comer a terra úmida do quintal e as tortas de cal que arrancava das paredes com as unhas. (...)





Sofia:

Uma noite, na época em que Rebeca se curou do vício de comer terra e foi levada para dormir no quarto das outras crianças, a índia que dormia com eles acordou por acaso e ouviu um estranho ruído intermitente no canto.

Lili:

Sentou-se alarmada pensando que tinha entrado algum animal no quarto,

Sofia:

viu Rebeca na cadeira de balanço, chupando o dedo e os olhos fosforescentes como os de um gato na escuridão.

Lili:

Pasmada de terror, perseguida pela fatalidade do destino, [a índia] Visitación reconheceu nesses olhos os sintomas da doença cuja ameaça os havia obrigado, a ela e ao irmão, a se desterrarem para sempre de um reino milenário no qual eram príncipes. Era a [droga] da insônia.”<sup>37</sup>

Talita:

“Qual a idade oportuna com que se deve casar?

Cabelo:

Para os jovens ainda não, para os mais velhos, nunca mais.”<sup>38</sup>

Flávia:

Como vovó já dizia: caso você sofra de fortes dores de cabeça, corte rodela de batata e coloque sobre a testa.

Lili:

Para problemas de rins, indica-se aquecer um litro de água e acrescentar duas colheres de sopa de quebra-pedra; tampe a panela e deixe por cinco minutos. Depois, beba ao decorrer do dia. Outro de seus benefícios é o combate à hepatite B.





## verve

saúde!

Mayara:

Se o caso for de prisão de ventre, deixe ameixas de molho em um copo d'água durante a noite. No dia seguinte, em jejum, tome o líquido.

Sofia:

Para controlar a diabetes, o bom é chá de pata de vaca. Coloque uma folha fresca com duas xícaras de água e leve ao fogo. Quando a água ferver, desligue o fogo. Beba duas xícaras ao longo do dia.

Acácio:

E para os necessitados: chá de PICÃO.

Gus:

E agora... a pingaterapia!!!

*(Joana com pandeiro canta:*

*"Gripe cura com limão*

*Jurupeba é para azia*

*Do jeito que a coisa vai*

*O boteco do Arlindo vira drogaria".*

*Pandeiro continua durante a pingaterapia.)*

Mayara:

"A pinga faz parte da deuterose brasílica. (...)

Cabelo:

Muitas são as virtudes suas: no calor refresca e no frio esquenta; abre o apetite e engana o estômago quando com fome; dá coragem e alegra os 'brabos'.

Mayara:

Na medicina popular tem lugar de destaque servindo para curtir, para fazer massagens, para misturar com outros 'preparos' ou para inalação.





Lili:

O curtimento é feito com a colocação da planta numa garrafa. (...) A mistura é feita com infusão de plantas às vezes com drogas da farmácia e até outros elementos, como por exemplo, pitadas de cinza, terra de cemitério, cordão umbilical torrado.

Cabelo:

Umbigo de recém-nascido é coisa que não se joga fora: tem alta finalidade medicinal, por isso é guardado.”<sup>39</sup>

Acácio:

O umbigo de recém-nascido, que era um saber popular desprezado pela ciência, hoje, já pode ser guardado em um banco de DNA.

*(Joana retoma a música)*

Cabelo:

Investe-se em pesquisas na Amazônia para descobrir o “composto ativo” da planta usada pelos índios para combater uma enfermidade, para depois, fabricar o novo fitoterápico.

Lili:

Para atender aos interesses da indústria farmacêutica, esses saberes populares que eram insurreccionais são capturados a todo vapor para comporem o que se chama de saberes compartilhados.

Márcia:

[Conclamamos] “um boicote de todos os produtos comercializados sob a senha de LIGHT – cerveja, carne, doces, cosméticos, música, o que for. O produto ‘natural’, ‘orgânico’, ‘saudável’, é designado para um setor do mercado constituído por pessoas levemente insatisfeitas que





## verve

saúde!

apresentam um quadro mediano de horror do futuro e possuem uma aspiração mediana por uma autenticidade tépida (...) o que é LIGHT não foi feito para primitivos pobres e famintos que ainda consideram comida nutrição e não décor. (...) Não vamos azucriná-los com mais uma prescrição para a saúde perfeita (só os mortos têm saúde perfeita) (...) O excesso nos cai perfeitamente. (...) Mantenhamo-nos longe de todo dogmatismo. Que o caçador de uma tribo indígena americana possa alimentar sua alegria com um esquilo frito.”<sup>40</sup>

### **cena 12: Arroz japonês**

Lili:

“Ontem voltei da cadeia de Tóquio. Odeio ir para o tribunal. Detesto especialmente o interrogatório contínuo feito pelo juiz [a um anarquista ou a qualquer pessoa]. (...) Durante um tempo, antes de sair, sonhava com o que comeria do lado de fora e quanto comeria. Mas, quando saí realmente, tudo o que comia era extraordinariamente delicioso. Sobretudo arroz branco. Colocava o arroz na boca. Meus dentes pareciam envolvidos como se eu tivesse deitado em um acolchoado sob algo agradavelmente macio e fosse, ao mesmo tempo, banhado por um caldo intensamente doce que saltava da ponta da minha língua. Arroz branco puro me bastava. (...) Por favor, mande lembranças a todos os meus camaradas.”<sup>41</sup>

## **parte IV**

### **cena 13: Escrever**

Gus:

“Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. Escrever é também tornar-se outra coisa que não escritor.”<sup>42</sup>





Sofia:

“A literatura aparece, então, como um[a] (...) saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (...), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis.

Acácio:

Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados.”<sup>43</sup>

Flávia:

“A sociedade humana: é um ensaio... e não um contrato!”<sup>44</sup>

Cabelo:

A vida é um ensaio.

Lili:

“a nossa época não está doente, acontece que já viveu tudo;

Acácio:

não a torturem tentando curá-la, (...) e como não é possível curá-la, deixem-na morrer.”<sup>45</sup>

Mayara:

deixem-na morrer.

Márcia:

e como não é possível curá-la, deixem-na morrer.

## **cena 15:** Práticas anarquistas

Lili:

No início do século XX, no interior de Minas Gerais, o escritor anarquista Avelino Fóscolo, fez de sua casa uma biblioteca pública e um pequeno ateneu onde encenava





## verve

saúde!

peças anarquistas, no intuito de transformar a realidade dos moradores de Taboleiro Grande.

Flávia:

Também utilizava seus conhecimentos de farmacêutico para atender a população local.

Cabelo:

Em caso de enfermidades, prisões ou abusos policiais os moradores o chamavam para prestar auxílio, e ele o fazia com grande empenho, sem exigir nada em troca. Em Taboleiro Grande, tinha a fama de ser o único com coragem de enfrentar o delegado da região.

Mayara:

A primeira Universidade Popular de Ensino Livre da América Latina foi criada, em 1904, na cidade do Rio de Janeiro.

Acácio:

Esta universidade voltava-se para os operários e seus familiares e também funcionava como uma espécie de centro cultural, no qual, dentre outras coisas, havia um consultório médico comandado pelo anarquista baiano Fábio Luz, que ministrava o curso de Higiene Social.

Sofia:

A higiene e a salubridade, principalmente nos locais de trabalho, eram uma grande preocupação dos anarquistas.

Mayara:

Em 1904, Sébastien Faure inaugurou a escola anarquista La Ruche, cuja inquietação era com a saúde das crianças desde sua alimentação e relações com a natureza até a afirmação de sua existência. Interessava um novo espaço apartado de salas de aula fechadas e da presença de um professor detentor de um saber inquestionável.





Flávia:

De portas abertas para recepcionar anarquistas de todos os cantos do planeta, contou com a visita de Emma Goldman:

Lili:

“a minha visita a La Ruche foi uma valiosa experiência que me fez perceber o quanto poderia ser feito pela educação libertária (...). Para libertar (...) a criança – que tarefa maior haveria para aqueles que, como Sébastien Faure, são educadores, não pela simples graça de um diploma universitário?!”<sup>46</sup>

Gus:

“(...) temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la.

Acácio:

Foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito.”<sup>47</sup>

Gus:

“A vitalidade anarquista [explícita] a urgência da vida livre de governo superior, ou ainda, a vida liberada de ser governada. Tal atitude foi e é uma saúde.”<sup>48</sup>

## **cena 16:** *Salud*

Mayara:

“Estávamos no fim de dezembro de 1936. Os anarquistas tinham o controle virtual da Catalunha, e a revolução ainda ia de vento em popa.

Sofia:

Pela primeira vez na vida me encontrava numa cidade onde a classe trabalhadora estava no comando (...)





## verve

saúde!

Acácio:

Todas as lojas e cafés exibiam uma inscrição dizendo que tinham sido coletivizadas; até mesmo os engraxates tinham sido coletivizados e suas caixas pintadas de vermelho e negro.

Flávia:

Garçons e lojistas nos encaravam e nos tratavam de igual para igual.

Lili:

As formas de tratamento servis e até mesmo as de cortesia haviam desaparecido temporariamente. Ninguém dizia ‘senor’ ou ‘don’ ou mesmo ‘usted’; todo mundo chamava todo mundo de ‘camarada’ e ‘tu’, e ao invés de ‘buenos dias’, dizia ‘salud’.”<sup>49</sup>

Cabelo:

“Os anarquistas, minoria demográfica, sempre viveram à beira da extinção.

Acácio:

Praticamente em qualquer lugar do mundo, inclusive na menor cidade, há ao menos um anarquista. (...): pereba negra nos 360° do Atlas.”<sup>50</sup>

Todos:

*Salud!*

### **cena 17: Saudação libertária**

Márcia:

“Um cumprimento libertário muito comum é desejar saúde ao amigo.





Cabelo:

Provavelmente ele advém do tempo em que a vida dos trabalhadores anarquistas e dos seus filhos era mais curta, mas não menos intensa.

Mayara:

Os cuidados com a saúde relacionados com a expansão da vida diferenciam os anarquistas de seus companheiros socialistas.

Sofia:

Os anarquistas não querem conservar nada, estão a qualquer instante provocando revisões e não deixam a coisa ficar quieta, escolhem o risco.

Flávia:

Talvez, por isso, é que para os defensores da conservação da vida os libertários sejam tão irritantes. Afinal, cultivam a vida de maneira respeitável.

Gus:

Viver intensamente é cuidar de si e não pretender saber quando a morte virá. É preciso ir além do limite, fincar a vida em limiares, romper com a conservação do passado e fazer irromper o presente.

Lili:

Se eles querem respeito pela saúde como cura de doenças, os libertários não desconhecem que, na doença, também há vida e saúde.”<sup>51</sup>

Acácio:

“Os anarquistas estão vivos. (...) Não ficam solitários, não são narcisistas, são duplos de peste para abalar saúde, doença e cura. Estão sempre prontos para a luta, são guerreiros.





saúde!

Os anarquistas são invenções, experiências, diferenças, des-centralidades, resistências. Estamos vivos.

Coro:

Saúde!<sup>52</sup>

## FIM

### Notas

<sup>1</sup> Aula-teatro 11 do Nu-Sol. Pesquisa de texto por Acácio Augusto, Andre Degenszajn, Aline Santana, Beatriz Carneiro, Cecília Oliveira, Edson Passetti, Eliane Knorr, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Leandro Siqueira, Lucia Soares, Luíza Uehara, Salete Oliveira, Sofia Osório e Thiago Rodrigues. Apresentações em 21 e 22 de maio de 2012 no teatro *Tucarena*, PUC-SP. Em aula-teatro não há personagens; optou-se por manter os nomes e apelidos dos pesquisadores: Acácio Augusto, Andre Degenszajn, Eliane Knorr (Lili), Flávia Lucchesi, Gustavo Ramus (Cabelo), Gustavo Simões (Gus), Joana Egypto (convidada), Márcia Lázari (convidada), Mayara de Martini, Salete Oliveira, Sofia Osório e Talita Vinagre (convidada). Produção gráfica: Andre Degenszajn. Sonofonia: Vitor Osório (convidado). Preparação corporal: Joana Egypto e Talita Vinagre (convidadas). Acompanhamento de luz: Luíza Uehara. Coordenação e ambientação: Edson Passetti.

<sup>2</sup> Franz Kafka. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo, Brasiliense, 1993, pp. 7; 14; 31.

<sup>3</sup> Émile Armand. “Amizade libertária” in *Verve*. Tradução de Edson Passetti e Martha Gambini. São Paulo, Nu-Sol, n. 17, 2010, pp. 11-13.

<sup>4</sup> Sêneca. *Aprendendo a viver*. Tradução de Lúcia Sá Rabello. Porto Alegre, L&PM, 2009, pp. 116-117.

<sup>5</sup> Friedrich Nietzsche. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, p. 25.

<sup>6</sup> Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, pp. 190-191.

<sup>7</sup> Diógenes. *O cínico*. São Paulo, Odysseus, 2009, p. 239.

<sup>8</sup> Friedrich Nietzsche, 2011, op. cit., pp. 192-197.





<sup>9</sup> Gilles Deleuze. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 131.

<sup>10</sup> Diógenes, 2009, op. cit., p. 244.

<sup>11</sup> Edson Passetti. “Abolicionismo penal, medidas de redução de danos e uma nota trágica” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, n. 7, 2005, p. 79.

<sup>12</sup> Ricardo Piglia. *Respiração artificial*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo, Companhia das letras, 2010, pp. 61-62.

<sup>13</sup> Michel Foucault. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhón Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, pp. 127-131.

<sup>14</sup> Michel Foucault. “O nascimento da medicina social” in *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979, pp. 79-98.

<sup>15</sup> Michel Foucault. *Segurança, território, população*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008, pp. 78-81; 85; 103.

<sup>16</sup> Michel Foucault, 1979, op. cit., pp. 79-98.

<sup>17</sup> Samuel Beckett. *Primeiro amor*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo, Cosac Naify, 2004, p. 2.

<sup>18</sup> Michel Foucault. “Crise da medicina ou crise da antimedicina” in *Verve*. Tradução de Heliana Conde. São Paulo, Nu-Sol, n. 18, 2010, pp. 180-181.

<sup>19</sup> Idem, pp. 187-188.

<sup>20</sup> Friedrich Nietzsche, 2011, op. cit, p. 199.

<sup>21</sup> Luis Buñuel. *Meu último suspiro*. Tradução de André Telles. São Paulo, Cosac Naif, 2009, p. 349.

<sup>22</sup> Antonin Artaud. “Acabar com as obras-primas” in *O teatro e seu duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo, Martins Fontes, 2006, pp. 83-93.

<sup>23</sup> Philip Roth. *Nêmesis*. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, pp. 9-20.

<sup>24</sup> Francisco Alvim. “Guichê” in *O metro nenhum*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 44.

<sup>25</sup> Francisco Alvim. “Balcão” in *Poemas (1968-2000)*. São Paulo/Rio de Janeiro, Cosac Naify/7 Letras, 2004, p. 160.





saúde!

- <sup>26</sup> Francisco Alvim. “Muito ótimo” in 2011, op. cit., p. 16.
- <sup>27</sup> Nu-Sol. *Flecheira Libertária*. N. 200, 19 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/flecheira/pdf/flecheira200.pdf>.
- <sup>28</sup> Idem.
- <sup>29</sup> Gilberto Gil. *Ele falava nisso todo dia*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/556773/>.
- <sup>30</sup> Francisco Alvim. “Suspiro” in 2004, op. cit., p. 187.
- <sup>31</sup> Ministério da Saúde, Brasil. “A origem do conceito de vulnerabilidade”. Disponível em: [http://www.saude.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=23792](http://www.saude.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=23792).
- <sup>32</sup> Edson Passetti. “Segurança, confiança e tolerância: comando na sociedade de controle” in *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, São Paulo Perspectiva, v. 18, n. 1, 2004.
- <sup>33</sup> Patti Smith. *Só garotos*. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 253.
- <sup>34</sup> Ibidem, pp. 243-244.
- <sup>35</sup> Ibidem, pp. 252-253.
- <sup>36</sup> Pina Bausch. “Dance, senão estamos perdidos” in *Folha de S. Paulo. Caderno Mais!* São Paulo, 27 de agosto de 2000.
- <sup>37</sup> Gabriel García Márquez. *Cem anos de solidão*. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro, Record, 2009, pp. 44-47.
- <sup>38</sup> Diógenes, 2009, op. cit., p. 255.
- <sup>39</sup> Alceu Maynard Araújo. *Medicina rústica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979, pp. 127-129.
- <sup>40</sup> Hakim Bey. *CAOS Terrorismo poético e outros crimes exemplares*. Tradução de Patricia Decia e Renato Resende. São Paulo, Conrad, 2003, pp. 40-42.
- <sup>41</sup> Osugi Sakae. *Memória de um anarquista japonês*. Tradução de Ludimila Hashimoto. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2002, pp. 158-159.
- <sup>42</sup> Gilles Deleuze. “A literatura e a vida” in *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997, pp. 11; 16.
- <sup>43</sup> Idem, pp. 13-14.





<sup>44</sup> Friedrich Nietzsche, 2011, op. cit., p. 260.

<sup>45</sup> Max Stirner. “Mistérios de Paris” in *verve*. Tradução de J. Bragança de Miranda. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, n. 3, 2003, p. 29.

<sup>46</sup> Emma Goldman. *Living my life*. New York, Dover Publications, 1970, pp. 408-409.

<sup>47</sup> Michel Foucault. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988, p. 136.

<sup>48</sup> Salete Oliveira. “Anarquia e dissonâncias abolicionistas” in *Revista Ponto-e-Vírgula*. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, vol.1, 2007, p. 159.

<sup>49</sup> George Orwell. *Lutando na Espanha*. Tradução de Ana Helena Souza. São Paulo, Globo, 2006, p. 29.

<sup>50</sup> Christian Ferrer. “átomos soltos – a construção da personalidade entre os anarquistas no início do século XX” in *Verve*. Tradução de Natalia Montebello. São Paulo, Nu-Sol, n. 5, 2004, p. 160.

<sup>51</sup> Edson Passetti. *Anarquismos e Sociedade de Controle*. São Paulo, Cortez, 2003, p. 116.

<sup>52</sup> Idem, p. 318.



8 e 9 de outubro de 2012 | 19h30 | tucarena, puc-sp

# saúde!

aula-teatro  
do nu-sol

com lançamento de  
**verve 22**

retirada de ingressos gratuitos  
a partir das 18h na bilheteria



faculdade de ciências sociais, puc-sp  
programa de estudos pós-graduados em ciências sociais, puc-sp  
projeto temático fapesp - ecopolítica: governamentalidade planetária, novas institucionalizações  
e resistências na sociedade de controle